

BES - PODERES MÁGICOS E APOTROPAICOS, ASCENSÃO E QUEDA

Pedro Augusto Gomes¹

RESUMO: Este artigo pretende explorar a figura de *Bes*, uma antiga deidade egípcia que era venerada como protetora de crianças, mulheres durante o parto e do sono. A imagem de *Bes* é frequentemente associada a características anãs ou leoninas, como uma careta enrugada, língua protuberante, barba, cabelo comprido, orelhas arredondadas e pernas ligeiramente dobradas. Além disso, a conexão de *Bes* com a fertilidade é representada em algumas imagens que incluem seios pendentes. A figura de *Bes* foi significativa na religião popular do antigo Egito, e, sua imagem era frequentemente usada como dispositivo de proteção ou decoração em objetos relacionados ao cuidado infantil, parto, sexo e sono. Além disso, *Bes* era uma divindade importante para consulta oracular no período greco-romano, e, seu oráculo em Abidos era um local popular de peregrinação. Este artigo, por fim, visa apresentar uma visão geral da figura de *Bes*, destacando sua importância na religião e cultura do antigo Egito.

PALAVRAS-CHAVE: Antigo Egito. Antiguidade. *Bes*. *Beset*. Magia.

BES - MAGICAL AND APOTROPAIC POWERS, RISE AND FALL

ABSTRACT: This article aims to explore the figure of *Bes*, an ancient Egyptian deity who was revered as a protector of children, women during childbirth, and sleep. The image of *Bes* is often associated with dwarf or leonine features, such as a wrinkled grimace, protruding tongue, beard, long hair, rounded ears, and slightly bent legs. Additionally, *Bes*' connection with fertility is depicted in some images that include pendulous breasts. The figure of *Bes* was significant in

¹ Mestrando em História Antiga pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

the popular religion of ancient Egypt, and his image was frequently used as a protective device or decoration on objects related to childcare, birthing, sex, and sleep. Furthermore, *Bes* was an important deity for oracular consultation in the Greco-Roman period, and his oracle at Abydos was a popular place of pilgrimage. This article ultimately aims to provide an overview of the figure of *Bes*, highlighting his importance in the religion and culture of ancient Egypt.

KEYWORDS: Ancient Egypt. Antiquity. *Bes*. *Beset*. Magic.



Imagem 01: Mapa do Mundo Antigo: Mar Mediterrâneo, ©S. Bartlett está licenciado sob a licença CC BY-SA (Attribution ShareAlike); Disponível em: <https://pressbooks.bccampus.ca/greekromanmyth/front-matter/maps/>

POSSÍVEL ORIGEM E IDENTIDADE

Em primeiro lugar, apresentamos ao fato de que *Bes* não tem uma origem precisa. Os arqueólogos Jeremy Black e Anthony Green afirmam que “alguns egiptólogos acreditam que ele tenha uma origem não-egípcia” (2014, p. 42). Corroborando com eles, o filósofo Luther Link aponta que *Bes* pode ter provindo da “Núbia, talvez de Ponto - um reino não localizado,

situado possivelmente em uma área da atual Somália” (1998, p. 73). A atual Somália, que por um acaso, está localizada ao sul do atual Egito, e, seguindo o raciocínio sugerido anteriormente, Veronica Wilson vai dizer que a academia tem apontando para a possibilidade de que *Bes* tenha surgido em terras estrangeiras. Segundo ela, mais precisamente do sul, ainda que esta seja uma questão debatida por entre os egiptólogos².

Izak Cornelius, por exemplo, trabalha com a hipótese de que *Bes* tenha sido inspirado em *Humbaba* (fig. 02), e, que este tenha passado por algum tipo de “adaptação” por parte dos habitantes do antigo Egito, antes de ser incorporado ao seu panteão. Essa ideia parte da premissa de que tanto *Humbaba*, bem como *Bes*, se aproximam por conta de sua iconografia peculiar, da mesma forma que ambos também detêm poderes apotropaicos³.



Fig. 02: Placa de *Humbaba*; Localização: Museu MET; Número da Peça: 1974.347.3a, b; Material: Cerâmica; Datação: c. 2000-1600 a.C.

² Cf., WILSON 1975, p. 77.

³ Cf., CORNELIUS 2017, p. 213.

Diferentes estudiosos atribuíram as raízes de *Bes* ao estrangeiro, muito por conta de seu físico, e, também, se atentando ao fato de que a deidade seja representada quase sempre de frente, diferentemente do padrão artístico da arte do antigo Egito, onde as personagens são geralmente retratadas de lado⁴.

O que queremos dizer, é que estes acadêmicos apontam para origem deste objeto além das fronteiras do Egito, devido à sua aparência incomum, que difere das típicas divindades egípcias. Isso se deve ao fato de que sua imagem mostra uma visão frontal e grotesca, em vez da vista de perfil e forma digna geralmente associada às divindades egípcias. Em outras palavras, a atitude cômica de *Bes* contrasta com a majestosa postura das divindades egípcias⁵.

Mas independente de sua origem ser a África ou o Oriente Próximo, sabemos que a deidade anã teve um papel de extrema importância durante o período do Império Médio do Egito, entre 2055-1985 a.C., até à época de Roma, através de suas evidências materiais encontradas.

A identidade de *Bes* é também complexa, pois o nome foi usado para várias divindades anãs que compartilham da mesma aparência física. O nome mais antigo conhecido para esta divindade é *Aha*, significando “lutador”, nome este retratado ao lado da imagem da deidade em duas varinhas mágicas do Império Médio. O nome *Bes* vai aparecer pela primeira vez associado aos nomes *Segeb* e *Soped* durante o Império Novo, enquanto durante a Época Baixa, os nomes *Hit* ou *Heyet* e *Tettenu* foram ligados à imagem de *Bes*. Para os acadêmicos, os significados de muitos desses nomes são incertos,

⁴ Cf., PINCH 1994, p. 45.

⁵ Cf., ABDI 1999, p. 114.

mas o nome *Aha* sugere um aspecto protetor da imagem de *Bes* como aquele que luta contra criaturas malévolas e demais forças hostis⁶.

Ainda sobre seu nome, *Bes* também poderia estar relacionado aos hieróglifos *bs* “chama”, possivelmente referenciando *Bes* como uma hipóstase de *Rá*, ou *bz* “ser iniciado”, que pode se referir às máscaras usadas no culto do deus. Além disso, é possível que o nome derive da palavra núbia para gato “*besa*”, indicando que *Bes* era visto como uma divindade anã com a força e o poder de um felino⁷.

PODERES MÁGICOS E ICONOGRAFIA

Geraldine Pinch descreve *Bes*, como uma deidade anã que claramente teve um papel protetor apotropaico, que dentro de seu significado, é “alguma coisa que afugenta o mal, particularmente espíritos maus” (1994, p. 40). Tomemos, por exemplo, de acordo com Black e Green, que:

Bes ou *Bisu* foi um deus egípcio da brincadeira e da recreação, representado como um anão de pernas largas, com cabeça grande, olhos esbugalhados, língua protuberante, cauda espessa e geralmente uma grande coroa de penas como touca. Ele era uma divindade magicamente protetora que evitava o poder do mal e estava especialmente associado com a proteção de crianças e de mulheres no parto⁸.

Na Antiguidade, dançarinos frequentemente tocavam instrumentos durante festivais animados, e, muitas eram as danças de caráter protetivo realizadas no Egito, que envolviam muitas palmas e batidas de pés para

⁶ Cf., EL-KILANY 2017, p. 2.

⁷ Cf., EL-KILANY 2017, p. 2.

⁸ Cf., BLACK; GREEN 2014, p. 41-42.

afastar o mal⁹. A própria batida do pé sobre um inimigo era um gesto de poder sobre este, e, representava também um feitiço dentro da cultura egípcia. Esse feitiço pode ser descrito em ritos de ano novo, onde ter um inimigo sob a sola dos pés servia como proteção contra os perigos do novo ano que se iniciava¹⁰.

Com base na discussão sobre os poderes apotropaicos de *Bes*, vamos entender que este servia para repelir o *bau*, em outras palavras, uma manifestação de algum deus que servia para punir algum indivíduo que teria lhe ofendido. Até mesmo os magos egípcios conjuravam imagens de criaturas horríveis e assustadoras, com a intenção de combater o *bau* ou manter estas manifestações a distância¹¹.

Podemos apontar com clareza que *Bes* era uma divindade protetora, bem como, relacionada à guerra, patrono de nascimentos, mas também, como protetor de habitações, mulheres e crianças. Tal qual *Bes* em algumas habitações no antigo Egito, no Império Paleobabilônico (1894-1595 a.C.), placas de *Humbaba* eram penduradas no alto das paredes, dando a ideia de que estas serviam como placas mágicas encantadas¹². Talvez a inspiração provinda de *Humbaba* como mencionado anteriormente?

Além disso, acredita-se que *Bes* poderia trazer sorte e prosperidade para casais e seus filhos, além de oferecer proteção a estes. Na cultura egípcia, a deidade anã também aparece em estelas, móveis, espelhos, amuletos, joias, e também era representado em tumbas e papiros.

⁹ Cf., PINCH 1994, p. 84-85.

¹⁰ Cf., PINCH 1994, p. 85.

¹¹ Cf., WILKINSON 2003, p. 26.

¹² Cf., BLACK; GREEN 2014, p. 106.

Como *Bes* estava especialmente associado à proteção de mulheres e crianças, um feitiço para apaziguar o sofrimento da mãe durante o parto, é apresentado como forma de magia. A “magia do anão” deveria ser recitada quatro vezes sobre uma estátua de argila de *Bes*, antes que essa fosse colocada próxima da gestante prestes a dar à luz¹³. Um exemplo descritivo da magia, é apresentado da seguinte forma:

Desce placenta, desce, desce. Eu sou *Horus* quem conjura para que aquela que está dando à luz fique melhor do que era, como se já tivesse dado à luz... Veja, *Hathor* colocará sua mão sobre ela com o amuleto da saúde. Eu sou *Horus* que a salva¹⁴.

El-Kilany explica que *Horus* evocava *Bes*, que era enviado pelo deus *Ra*. O autor corrobora com Teeter, onde este também sugere que este feitiço era recitado por quatro vezes sobre um amuleto de argila de *Bes*, e, colocado ao lado da gestante dando à luz, para que apaziguasse a sua dor¹⁵.

A relação de *Bes* com *Horus* também é vista em estelas (fig. 03) com representações da cabeça da deidade anã acima de *Horus* e ainda, estelas essas com crocodilos, que Pinch vai chamar de *cippi*¹⁶, e, que segundo Ritner, tratava-se de um “novo tipo de estela curativa e apotropaica” (1993, p. 106). A principal função de uma *cippi*, estava em proteger o seu proprietário de criaturas perversas, especialmente cobras, escorpiões e crocodilos, por meio de figuras e feitiços mágicos esculpidos nela. As *cippi* eram geralmente colocadas em templos ou casas particulares, e, dependendo do tamanho, estas poderiam ou não ser incorporadas à estátua de uma pessoa¹⁷.

¹³ Cf., TEETER 2011, p. 169-170.

¹⁴ EL-KILANY 2017, p. 5. Tradução própria do autor.

¹⁵ Cf., EL-KILANY 2017, p. 5.

¹⁶ Cf., PINCH 1994, p.100.

¹⁷ Cf., ABDI 1999, p. 117.

O próprio Ritner ainda pontua que este tipo de estela protetiva – *Bes*, *Horus* e crocodilos –, vai aparecer desde o Império Novo até a era romana¹⁸.



Fig. 03: Estela *Cippi*; Localização: Museu Britânico; Número da Peça: EA60958; Material: Madeira; Datação: Período Tardio.

Representações da deidade como músico, tocava tamborim para proteger as crianças dos espíritos malignos. Além disso, as mães desenhavam a imagem de *Bes* na mão esquerda do filho e a envolviam com um pano abençoado pelo templo, para garantir que a criança tivesse sonhos agradáveis¹⁹.

¹⁸ Cf., RITNER 1993, p. 106.

¹⁹ Cf., EL-KILANY 2017, p. 9.

Seus poderes mágicos voltados à sexualidade, são representados em um cômodo com pinturas eróticas de *Bes* em Saqqara, sugerindo que indivíduos com problemas de fertilidade recorressem à deidade ali, com a esperança de que fossem curados após passar uma noite no local²⁰. Entendemos que o propósito não apenas das pinturas, bem como estatuetas encontradas dentro destes cômodos - para o tratamento da fertilidade -, santuários domésticos, templos, e, até mesmo em áreas tumulares, tinha como objetivo garantir um bom desempenho sexual, uma vida sexual bem-sucedida, culminando no nascimento de bebês saudáveis, até mesmo no pós-vida²¹.

Além disso, *Bes* está presente junto aos intérpretes dos sonhos nos templos, indivíduos relacionados à magia. Pinch explica como se dava contato no sonho e a ligação deste intérprete com *Bes*:

[...] um 'oráculo dos sonhos' desenhando uma figura de *Bes* em sua mão esquerda em um tipo especial de tinta feita de sangue, mirra e suco de várias ervas. A forma exata que a figura deve assumir é ilustrada no papiro. O mago então envolve a mão em um pano preto, faz uma oração ao pôr do sol e vai dormir em um tapete de junco. O feitiço lembra o mago de ter uma tábua para escrever por perto para que ele possa registrar qualquer coisa que o deus diga antes de esquecê-lo²².

Bes também era importante em relação ao sono dos antigos egípcios, e, evidências apontam para os encostos de cabeça adornados com imagens da deidade anã. É sabido que:

²⁰ Cf., PINCH 1994, p. 164.

²¹ Cf., PINCH 1994, p. 100.

²² PINCH 1994, 164. Tradução própria do autor.

Apoios de cabeça decorados com figuras apotropaicas como *Bes* e *Taweret* foram usados para proteger dormentes vivos contra cobras, escorpiões, pesadelos e visitantes sobrenaturais²³.

Os antigos egípcios acreditavam que no campo dos sonhos, os livros que tratam do submundo, o qual é a crença na vida após a morte, descrevem os mortos como múmias deitadas em esquifes que se assemelham a camas. Por um curto período, eles são acordados do seu sono quando o sol noturno passa pela sua caverna escura para se unir temporariamente com o deus Osíris. Essa concepção de mortos como adormecidos, seja na tumba ou no *Duat*, que segundo Pinch, é o “submundo egípcio que abriga o reino dos mortos” (1994, p. 22), poderia explicar a razão pela qual os artefatos de um quarto se fazem presentes dentro do mobiliário funerário²⁴.

Precisamos esclarecer que as práticas mágicas para os egípcios, vão mais além do que a grande parte da academia e alguns egiptólogos insistem em classificar, agrupando à tais práticas, como Ritner nos descreve, práticas relacionadas diretamente a “oráculos, calendários com seus dias de sorte e azar, sonhos, horóscopos, e até devoção a animais” (1993, p. 8). Para o povo egípcio:

[...], a atividade que este designou “mágica” foi sentida como não sendo sobrenatural, mas quintessencialmente uma parte da natureza, sendo coeva com a criação da ordem natural e usada diariamente pelos deuses para manter – não violar – essa ordem²⁵.

²³ PINCH, 1994, p. 157. Tradução própria do autor.

²⁴ Cf., PINCH 1994, p. 156-157.

²⁵ RITNER 1993, p. 8. Tradução própria do autor.

Havia uma atribuição mágica em *Bes* dentro da crença dos antigos egípcios. Para estes, a deidade carregava consigo propriedades mágicas, sendo assim, uma importante figura em se tratando da religião popular no antigo Egito. Imagens de *Bes* são frequentemente encontradas como dispositivos de proteção, ou, decoração em objetos e estruturas relacionadas a cuidados infantis, ao parto, ao sexo e até mesmo em mobílias relacionadas ao sono.

Inúmeros são os textos mágicos em papiros, que requerem uma assimilação do praticante a uma divindade, com a intenção de que este mago seja bem-sucedido, e, que a deidade interfira a seu favor. A magia estava presente no cotidiano egípcio, fosse essa ritual, a magia realizada em templos, feitiços ou ritos realizados individualmente²⁶. Por conta disso, compreendemos a importância de uma deidade como *Bes* estar imbuída de elementos mágicos, que vão lhe servir para cumprir o seu papel protetivo dentro da sociedade egípcia.

Estes elementos de proteção mencionados anteriormente, estão diretamente vinculados à iconografia de *Bes*. Ele é frequentemente representado como um pequeno anão barbado, com pernas arqueadas e um rosto arredondado. Ele também apresenta um rabo de leão e é comum ser retratado com a língua de fora e os genitais em destaque (fig. 6). Sua coroa emplumada pode variar, assim como a pelagem que pode ser de leão ou de uma pantera. Durante o Império Médio, *Bes* era frequentemente representado em varinhas mágicas e outros objetos menores, como um homem-leão com orelhas redondas e um rabo entre as pernas, segurando uma cobra em cada mão. *Bes* geralmente carrega consigo, elementos ou artefatos mágicos – dependendo da época em questão –, como facas, címbalos (fig. 4) e até mesmo gládios e escudos.

²⁶ Cf., PINCH 1994, p. 9.



Fig. 04: Amuleto de *Bes*; Localização: Museu MET; Número da Peça: 10.130.1991; Material: Faiança; Datação: c. 664-30 a.C.



Fig. 06: Estatueta de *Bes*; Localização: Museu MET; Número da Peça: 23.6.16; Material: Metal Cuproso; Datação: c. 664-30 a.C.

Algumas representações ainda o mostram como uma figura feminina. Essa contraparte é conhecida como *Beset*, e, aparece no Império Médio representada como desenhos em artefatos de cunho apotropaicos. Kate Bose-Griffiths aponta para uma faca datada da XIII Dinastia ou talvez anterior. Entre várias outras representações de divindades, a faca mágica apresenta *Beset* nua com cauda e orelhas de leão, pernas dobradas, segurando uma serpente em cada mão, e, ao lado dele, está uma deidade feminina com orelhas de leão e pernas dobradas, mas sem cauda. Segundo a autora, entre eles fica uma deusa – hipopótamo – *Taweret* talvez –, que também segura serpentes em suas mãos²⁷. Do mesmo período, apresentamos uma outra

²⁷ Cf., BOSE-GRIFFITHS 1977, p. 105-106.

faca (fig. 5) com a representação de *Beset* – quarta figura da esquerda para a direita –, com sua característica juba leonina, segurando duas serpentes, totalmente nua mas com sua postura ereta.



Fig. 05: Varinha Apotropaica; Localização: Fonte: Museu Britânico; N°: EA58794.

Da mesma forma que *Bes*, *Beset* também pode ser retratada como uma deidade brincalhona, dançarina, e, que também toca instrumentos com a intenção de afastar espíritos mal-intencionados. Além disso, sua iconografia como a da divindade *Bes* apresenta uma figura com as suas pernas dobradas, uma longa cauda de leão, bem como seios. Outra particularidade notável nesta figura relativa a *Bes* é a sua cabeça, que apresenta traços humanos femininos com cabelos soltos caindo sobre os ombros. Podemos inclusive interpretar que outras representações da deidade *Beset*, está em observar que estas possuem perucas longas e arrumadas, o que as faz se aproximarem ainda mais dos seres humanos.

Esta figura feminina de *Bes*, pode ser comparada com outros amuletos e figuras da deidade que foram encontrados em Amarna²⁸. El-Kilany enfatiza que *Beset* geralmente aparece com “seios pontiagudos em vez de arredondados, as pernas juntas firmes ou ligeiramente separadas”. Outro ponto levantado pelo autor, está no fato de que “pulseiras e tornozeleiras só são usadas pela imagem feminina de *Bes*” (2017, p. 3).

Beset aparece no final do Império Médio, mas continua tendo raras aparições até o Período Greco-Romano. No Império Médio, ela tem as mesmas características leoninas de *Bes*, mas com poses e atributos um pouco diferentes (fig. 7).



Fig. 07: Capitel Papiriforme de *Bes* e *Beset*; Localização: Museu Metropolitan; Número da Peça: 58.106.6a; Material: Metal Cuproso; Datação: c. 664-30 a.C.

Especificamente no Império Novo, *Bes* é retratado com joias e uma coroa de penas de avestruz, utilizando também um kilt, e, em algumas ocasiões, até asas. Além das cobras, *Bes* é também representado segurando

²⁸ Cf., BOSE-GRIFFITHS 1977, p. 99.

facas, armas, cetros, talos de lótus ou papiro e amuletos. Durante esse período, a divindade é frequentemente retratada dançando e tocando instrumentos musicais, como o tamborim e a flauta dupla²⁹.

A crescente importância da divindade *Bes* pode ser observada não apenas pelo uso de sua imagem em amuletos, mas também em projetos arquitetônicos, remontando ao período do Império Novo. A evidência de sua popularidade pode ser vista, em um amuleto encontrado ao redor do pescoço de uma mulher enterrada em estilo núbio durante a XVIII Dinastia. Os próprios amuletos servem como principal indicativo para a sua popularidade, uma vez que vários destes artefatos incorporam a imagem de *Bes*, onde eram usados por um indivíduo, independente de classe social para o resto da vida³⁰.

Na XXV Dinastia, *Bes* aparece não apenas em amuletos, mas também de forma monumental, como visto no templo de *Mut* em Jebel Barkal em um par de colunas. Representações incomuns de *Bes* em formas tanto masculinas quanto femininas podem ser encontradas em placas de cerâmica em um templo na colônia de Kawa, no atual Sudão, indicando uma comunidade próspera de artesãos locais que incorporaram motivos egípcios em seu trabalho³¹.

Trabalhando ainda com a iconografia de *Bes*, podemos levantar inúmeras questões como, o motivo de ser retratado com sua cara de leão, seu nanismo, suas armas, em alguns casos suas asas, entre outros elementos iconográficos. Em resumo, sempre associamos *Bes* à uma figura anã, o que nos levanta a hipótese de que a deidade tenha sido inspirada com base na iconografia dos pigmeus líbios pré-históricos. Mas é possível creditar a sua postura bem como seus traços leoninos, sendo estes inspirados em um leão,

²⁹ Cf., EL-KILANY 2017, p. 2-3.

³⁰ Cf., WILKINSON 2003, p. 104.

³¹ Cf., SMITH 2017, p. 144.

obviamente, erguendo-se sobre as suas patas traseiras. Essa ideia ao longo dos séculos vai mudar, apontando para uma fusão entre o animal e o indivíduo, transformando a deidade em uma figura antropomórfica como a conhecemos atualmente³².

Uma possível explicação para o nanismo de *Bes* pode estar diretamente relacionado ao papel dos anões nas cortes reais do antigo Egito. Sua ligação com a realeza, tem como base o papel de entreter, animando ao rei e a sua corte com música e dança. O que nos leva a cogitar que junto aos bebês, os antigos egípcios também acreditavam que *Bes* atuava como um animador para elas. Para eles, quando um bebê ria ou sorria sem motivo aparente, era porque *Bes* estava presente, fazendo caras engraçadas em algum lugar da sala³³.

Assim sendo, além de animador, também é passível de entendimento que *Bes* estivesse diretamente associado a tais atividades musicais, dançarinas e até mesmo com as bebidas de cunho alcoólico³⁴.

Outros aspectos de *Bes* ao longo de sua transformação está em seus grandes olhos, os seus cabelos desgrenhados, sua língua desproporcional, bem como a cauda de leão, levando-nos a pensar em elementos que permaneceram de sua fonte animal. No Império Novo, alguns egiptólogos trabalham com a hipótese de que *Bes* agora não tinha mais a pelagem leonina, mas sim uma capa com essas características e em outras representações, a deidade poderia ser encontrada usando uma vestimenta como a pele de um leopardo³⁵.

³² Cf., WILKINSON 2003, p. 02.

³³ Cf., EL-KILANY 2017, p.4.

³⁴ Cf., EL-KILANY 2017, p.4.

³⁵ Cf., WILKINSON 2003, p. 103.

No entanto, por mais que a iconografia de *Bes* tenha mudado ao longo de séculos, uma característica se manteve até o período de Roma, sua língua de fora. Acreditamos, concordando com Robert Ritner, que a língua de fora da deidade anã, seja um dos gestos apotropaicos de maior impacto de *Bes*³⁶. Ritner explica que havia um método conhecido como “língua de fogo”, uma técnica protetiva e hostil a inimigos, que aparece na literatura religiosa do antigo Egito. Para ele, a “sua língua foi reunida como Aquele que guia as Duas Terras, de modo que pode lambe seus inimigos” (1993, p. 98). Aqui o autor está falando de Osíris, e, provavelmente associado a essa técnica hostil está o gesto apotropaico de colocar a língua para fora, encontrado em todos os períodos com a divindade *Bes*, e, rotulado como um ato irrisório nos textos dos templos greco-romanos.

Outro importante elemento iconográfico e de propriedade mágica diretamente associada a *Bes*, é a imagem da serpente, geralmente retratada sendo segura pela deidade. Como sabemos, uma das representações mais famosas da serpente ligada aos magos egípcios, aparece no livro do Êxodo (7: 11-12), na passagem onde Moisés e Arão estão diante do Faraó, e, este chama e ordena aos seus sábios para jogarem suas varas ao chão, tornando-se cada qual uma serpente:

O faraó, porém, mandou vir os sábios e feiticeiros; e eles, os magos do Egito, também fizeram o mesmo por meio do seu ocultismo.

Cada um deles lançou a sua vara, e elas se transformaram em serpente; mas a vara de Arão devorou as deles³⁷.

³⁶ Cf., RITNER 1993, p.99.

³⁷ Ex 7:11-12.

Esse poderia ser um motivo plausível para entender que as varas ou cajados dos sábios do antigo Egito detinham um poder mágico de tanto proteger, bem como controlar³⁸.

Além da língua de *Bes*, bem como as serpentes como vimos anteriormente, sua iconografia o apresenta como um dançarino feliz tocando instrumentos, e, na maioria de suas representações, a deidade está nua. Em diversas culturas, a exibição dos órgãos sexuais é utilizada para demonstrar desrespeito ou para expulsar entidades malignas.

EVIDÊNCIAS DE *BES* NA ANTIGUIDADE E NO COTIDIANO EGÍPCIO

Sua popularidade foi tamanha, que além do antigo Egito e o Oriente Próximo, temos inúmeras evidências da presença de *Bes*, no Chipre, na Turquia, em Cartago, na Fenícia e também em Roma, visto que até os legionários romanos adotaram *Bes* como seu deus protetor.

Serena Autiero, sugere, inclusive, que é possível que as imagens de *Bes*, juntamente com outras divindades grotescas do Egito, tenham chegado à Índia na forma de caixas de cosméticos. Na cultura indiana, a peculiar figura de *Bes* foi identificada imediatamente com *ganás* ou *yakshas* (fig. 08), e, essa nova contribuição ocidental enriqueceu ainda mais uma imagem já fortemente presente na cultura local³⁹.

³⁸ Cf., PINCH 1994, p. 78

³⁹ Cf., AUTIERO 2015, p. 97.



Fig. 08: Estatueta de Yaksha; Localização: Museu MET; Número da Peça: 1988.354; Material: Arenito; Datação: c. 50 a.C.

Dentro do Egito, sabemos que mesmo com a reforma na religião egípcia por parte de Akhenaton, os cultos dessa “nova religião” alteraram as práticas dentro das elites. Em Amarna, as evidências de objetos votivos, estelas e até pinturas em paredes sobreviveram daquela época, provando que *Bes* e *Taweret* eram cultuados tradicionalmente pela grande maioria dos indivíduos⁴⁰.

Uma das primeiras evidências iconográficas de uma deidade anã conhecida no antigo Egito, pode ser datada de 2000 a.C., em um tipo de varinha trabalhada em marfim de hipopótamos (fig. 09), que apresenta em um de seus lados, uma figura diminuta de pernas arqueadas e um rabo pendurado entre estas. É possível identificar duas serpentes sendo seguras por suas mãos, que repousam sobre as suas coxas⁴¹. Seus cabelos desgrenhados lembram uma juba leonina, no entanto, esta figura não carrega consigo a

⁴⁰ Cf., VAN DIJK 2003, p. 278.

⁴¹ Cf., PINCH 1994, p. 40.

sua coroa de penas, mas tais evidências imagéticas nos levam a indicar a hipótese de ser *Bes* ali representado⁴², em sua pose mais popular ao longo da história.



Fig. 09: Varinha Apotropaica; Localização: Fonte: Museu Britânico; nº 30.8.218; Material: Marfim. Datação: c.2000 a.C

Outras representações da deidade foram encontradas na região do Levante, onde temos evidências arqueológicas de *Bes* em dois vasos pito em *Kuntillet Ajrud*⁴³ na península do Sinai no atual Egito, da mesma forma que evidências encontradas no atual Irã, datados do período do Império Aquemênida. Há também a evidência de um selo cilíndrico encontrado em *Laquis* na Palestina, com a representação clássica de *Bes* com as suas pequenas pernas arqueadas, sua coroa com penas, suas mãos em sua cintura, e este, no caso, cercado por quatro abutres⁴⁴.

⁴² Cf., WILSON 1975, p. 77.

⁴³ Ver: ORNAN, Tallay. *Sketches and Final Works of Art: The Drawings and Wall Paintings of Kuntillet Ajrud Revisited*. Em: *Journal of the Institute of Archaeology of Tel Aviv University, Tel Aviv*, Vol. 43, 2016, n.1: p. 3-26.

⁴⁴ Ver: DE VARTAVAN, Christian Tutundjian. "Bes, the Bow-Legged Dwarf or the Ladies' Companion: a Revised Unpublished Study. Em: *Bulletin of Parthian and Mixed Oriental Studies* 1, 2005, p. 79-93.

Qual o motivo de *Bes* aparecer naquele tipo específico de material como na arquitetura, na mobília, amuletos, estelas e/ou estatuetas? Visando apresentar aqui parte de nosso entendimento, ainda que de forma breve, vimos e entendemos que em um contexto material, *Bes* tinha como intuito assustar os maus espíritos por conta da sua representação iconográfica, a qual segundo Engy El-Kilany:

A aparência de *Bes* foi elaborada para assustar os espíritos malignos com espadas e facas as quais ele carregava. Ele também tinha instrumentos musicais, os quais usava para fazer ruídos que espantavam os espíritos malignos. *Bes* era originalmente a divindade protetora da casa real do Egito e passou a ser uma divindade doméstica popular, aceita por todas as classes de egípcios como uma divindade apotropaica poderosa⁴⁵.

Divindade real e doméstica. Para exemplificar a citação acima, sugerimos que *Bes* não era apenas uma deidade protetora real, mas também, uma deidade presente nas classes sociais mais baixas do antigo Egito. Uma estatueta de uma dançarina vestida como *Bes* encontrada em uma casa em Kahun, provavelmente representa uma mulher de posição social inferior que realizava ritos semelhantes para mulheres comuns⁴⁶. Pinch corrobora que na mesma casa:

Uma grande máscara de *Bes* de lona, que poderia ter sido usada, foi encontrada na mesma casa. Esses objetos pertencem a um mundo oculto de magia feminina que raramente aparece nas fontes visuais padrão⁴⁷.

⁴⁵ EL-KILANY 2017, 3. Tradução própria do autor.

⁴⁶ Cf., PINCH 1994, p.132.

⁴⁷ PINCH 1994, p. 132. Tradução própria do autor.

Bose-Griffiths associa a própria questão da representação artística do feminino, mulheres dançando com máscaras de *Bes* a outro elemento interessante, retratando *Bes* tendo sua contraparte feminina conhecida como *Beset* – como já mencionada anteriormente –, o que nos levanta a hipótese se existem diferenças entre ambos ou se trata da mesma deidade, representadas de formas diferentes⁴⁸.

Como apresentado dentro deste artigo, se um espírito hostil é um tipo de malefício, uma deidade apotropaica está presente para combater este e, El-Kilany fala de *Bes* presente e aceito dentre todas as classes sociais, de fato, *Bes* está por toda parte.

Essa presença de *Bes*, se dá, por exemplo, por meio de uma estatueta que carregava consigo, segundo Emily Teeter “a presença ou essência” (2011, 43) da deidade, da mesma forma que também aparece em amuletos, sendo estes os mais comuns encontrados no Egito, junto aos de *Isis*, *Horus* e *Thoth*. Por conta disso, vamos encontrar essa presença mencionada por Teeter, – o *ba* de *Bes* –, dentro da cultura material egípcia em inúmeras representações na estatuária da deidade, uma vez que entendemos que o *ba* mantinha o caráter de um indivíduo.

Nesse caso, observaremos que a estátua era um objeto que servia como um lugar temporário para a presença ou essência “*ba*” do deus. O *ba* era uma força poderosa que existia potencialmente na natureza. A estátua divina era criada como uma forma física “*ka*” para que o *ba* pudesse habitar, e, assim, os indivíduos poderiam se comunicar com o deus. Para os antigos egípcios, uma vez que uma estátua ou estatueta fosse preenchida

⁴⁸ Cf., BOSE-GRIFFITHS 1977, p. 106.

com o *ba* daquela determinada deidade, essa agora tornar-se-ia o *ka* desta, passando a ser a sua forma física dentre cultos e adorações⁴⁹.

Vamos observar que *Bes* não foi incorporado no culto oficial como uma deidade individual até a período egípcio tardio, embora sua imagem fosse representada nas paredes de templos dedicados a grandes divindades, como *Hathor*, bem como em templos e túmulos reais⁵⁰.

Pinch também aponta para *Bes* na arquitetura, e, temos relatos de que sua presença se dá em casas e em tumbas, brandindo facas e segurando ou mordendo serpentes, em “algumas das casas na aldeia dos trabalhadores em *el-Amarna* havia um aposento superior decorado com figuras protetoras de *Bes* e *Taweret*” (1994, p. 127). A deidade também foi encontrada nas casas dos trabalhadores em Deir el-Medina, onde acreditamos que seu papel esteja diretamente vinculado ao de uma divindade doméstica protetiva⁵¹, da mesma forma que no palácio de Amenófis III em Malqata⁵².

Isso nos leva a pensar que a crença dos antigos egípcios em seus poderes mágicos era tamanha, que é por isso que vamos encontrar, também, relatos de estatuetas de *Bes* próximas às portas, com o intuito de proteger a entrada das casas contra espíritos mal-intencionados⁵³.

Muitas vezes, *Bes* é representado com uma grande barriga, e, às vezes, seios protuberantes, o que para nós, fica claro que os antigos egípcios, provavelmente conectaram a deidade ao seu papel de patrono e protetor das mulheres grávidas⁵⁴. Por conta disso, podemos trabalhar com a ideia de que

⁴⁹ Cf., TEETER 2011, p. 43-44.

⁵⁰ Cf., APOSTOLA 2018, p. 113.

⁵¹ Cf., BARD 2015, p. 245.

⁵² Cf., WILKINSON 2003, p. 104

⁵³ Cf., EL-KILANY 2017, p. 3.

⁵⁴ Cf., WILKINSON 2003, p. 103.

o exterior das casas de nascimento era decoradas com imagens de *Bes*, como responsável pela proteção de mulheres, crianças e recém-nascidos.

El-Kilany sugere que até pelo menos o século III, há evidências do papel de *Bes* como protetor das mulheres, conforme demonstrado em uma estela de calcário encontrada em Mênfis. Nela, podemos ver a imagem de *Bes* representada por uma estatueta *Ptah-Pataikoi*, que está de pé sobre um par de crocodilos, segurando uma cobra e uma espada. A divindade é identificada por uma inscrição grega que a descreve como, “o grande senhor dos úteros das mulheres, protetor, guardião, curador, alimentador e despertador” (2017, p. 3).

Todos os elementos descritos anteriormente, nos levam a entender que as casas de nascimento contavam com inúmeras imagens de *Bes*, visto que a deidade tinha como intuito proteger o local de forma mágica. No entanto, Kathryn Bard as descreve como um local desprovido de artefatos domésticos, mas sim, mesas para oferendas, estatuário, estelas, além das paredes retratadas com a imagem de *Bes*⁵⁵.

Sabemos, também, que há a evidência de mais de cem pequenas estatuetas de cerâmica conhecidas, que eram usadas como amuletos para proteger bebês recém-nascidos e crianças durante a amamentação. Vasos com *Bes* eram utilizados para guardar o leite das crianças e afastar possíveis criaturas maléficas.

Uma discussão levantada por El-Kilany sobre o fato de *Bes*, uma divindade anã, está na relação feita pelos antigos egípcios da associação de *Bes* com o parto, visto que estes consideravam os anões adultos raros por conseguirem sobreviver aos perigos que cercavam o nascimento, e, aos primeiros meses de vida. Estudos indicam que metade dos recém-nascidos

⁵⁵ Cf., BARD 2015, p. 278.

anões morriam devido ao canal de parto estreito das mães anãs. Por isso, os egípcios acreditavam que o deus *Bes*, que sobreviveu e derrotou forças malignas, poderia garantir um parto seguro e proteger mães e filhos através de seu poder mágico⁵⁶.

Um exemplo de tais artefatos, se dá durante o Terceiro Período Intermediário, onde era muito comum encontrar estatuetas mágicas feitas de faiança verde-azulada, que serviam como elementos protetivos durante o parto, da mesma forma que como fonte de alimento para as crianças. Essas estatuetas em sua grande maioria apresentavam detalhes na cor marrom, e, retratavam a deidade *Bes*, um macaco ou uma mulher (*Beset?*) nua segurando um vaso ou instrumento musical, ou ainda, amamentando. Embora essas estatuetas fossem encontradas tão ao sul quanto el-Kurru, na atual Núbia, a concentração dos achados em locais a nordeste do delta do Nilo indica que essa era a sua principal área de produção⁵⁷.

Com tantos exemplos, respondemos diretamente às questões de que *Bes* trabalha como protetor a quem clama por ele, graças à sua aparência assustadora, bem como, artifícios mágicos. No entanto, *Bes* não era cultuado como outras divindades do panteão egípcio⁵⁸. A deidade anã era, de fato, muito venerada como vimos anteriormente de forma privada, em outras palavras, em um ambiente mais doméstico, e, como elemento vinculado à proteção de um indivíduo, principalmente nos períodos mais posteriores da história do Egito antigo.

Bes era tão multifacetado, que ao longo dos séculos foi considerado um tipo de energia vital, quase que como o deus *Shu*, absorveu os atributos

⁵⁶ f., EL-KILANY 2017, p. 4.

⁵⁷ Cf., TAYLOR 2003, p. 362.

⁵⁸ Cf., WILKINSON 2003, p. 103.

protetivos de outras deidades, estava presente em danças protetivas, as quais homens e mulheres usavam máscaras da deidade. Porém, é interessante pensar que *Bes* ia à contramão da arte egípcia refinada, pois era, de certa forma “grotesco” e servia como uma forma divina de manifestação de proteção⁵⁹.

QUEDA E DEMONIZAÇÃO

Um dos motivos para a queda da popularidade e até mesmo a demonização de *Bes*, está em pensar que durante a época em que o antigo Egito estava sob o controle de Roma e Bizâncio, um novo grupo religioso se instaurou ali, os coptas. Basicamente, egípcios que se converteram ao cristianismo, foram os primeiros egípcios a praticar o monasticismo. Vários destes monges partiram para o inóspito deserto, e, tal qual seus antepassados, estes entendiam o deserto como lar de criaturas noci-vas e malignas⁶⁰. Fazendo um paralelo com Lorenzo Verderame sobre a Mesopotâmia, qualquer relação que houvesse fora do perímetro urbano estava ligada ao caos, em outras palavras, diferentemente da ordem que povoava as cidades. Essas criaturas então:

Considerando o espaço urbanizado e humanizado (a cidade) como o símbolo da ordem, a maioria das características da vida urbana lhes são negadas. Primeiramente, vivem além do perímetro urbano, na estepe. Em segundo lugar, eles não têm morada; em vez disso, eles vagam por aí. Suas características físicas são indefinidas e, em geral, tendem a ser descritas negando qualquer característica humana normal⁶¹.

⁵⁹ Cf., PINCH 1994, p. 144.

⁶⁰ Cf., PINCH 1994, p. 170.

⁶¹ VERDERAME 2013, p. 121-122. Tradução própria do autor.

A base da crença é a mesma, em suma, fora do perímetro das cidades egípcias era o deserto, lar de *Seth*, deidade associada aos distúrbios, confusões no mundo, o deus da violência e do caos. Um deus conhecido como “Vermelho”, de mau temperamento, personificando a raiva e a fúria, completamente oposto à verdade, e, à harmonia do *maat*. Por fim, ainda como divindade ligada ao deserto “Terra Vermelha”, Seth era uma ameaça à vida, que dependia da vegetação que ali poderia crescer⁶².

Entendemos que por conta da tradição oral, os coptas entendiam o deserto como lar de demônios, e, um monge egípcio inspirado e protegido pela sua religião, derrotava a ameaça de antigos deuses multifacetados, bem como as práticas mágicas de seus antepassados, armado apenas com a sua fé:

Santo Antônio (c. 251-356 d.C.) ficou famoso pelas visões demoníacas que o tentaram no deserto. Santo Antônio proclamou que os oráculos, encantamentos e magia pelos quais os egípcios eram famosos, perdiam seu poder assim que o sinal da cruz era feito⁶³.

Fica claro entendermos o motivo que levou vários dos coptas a destruírem representações de divindades egípcias. Entre os coptas, a religião dos antigos egípcios teve em seu panteão nada mais do que demônios hediondos. Em outras palavras, e trabalhando com *Bes* como exemplo, havia um confronto entre homens santos e a deidade anã. Nas palavras de Pinch:

⁶² Cf., WILKINSON 2003, p. 197.

⁶³ PINCH 1994, p. 170. Tradução própria do autor.

O alegre e dançarino anão leonino [...], que por quase três mil anos foi pensado como um protetor dos fracos e vulneráveis, é aqui transformado em um monstro que aterroriza qualquer um que se aproxime de um templo em ruínas à noite⁶⁴.

Aqui nesse caso, *Bes* como complemento ao seu papel na magia tradicional egípcia, tinha também como função guardar o perímetro de templos. Então, os homens-santos faziam ali uma vigília a noite em oração próximo às ruínas de um templo, com a intenção de “exorcizar” o demônio⁶⁵. Outra evidência copta aponta para o possível responsável pelo exorcismo, e, ao que tudo indica, seu nome era Apa Moses, um monge copta cuja prioridade era erradicar um maligno espírito que assombrava um determinado templo em Abidos, e, o espírito maligno era *Bes*. O templo era o maior local para os cultos direcionados à deidade anã, e, ele se manteve intacto mesmo com a tentativa de destruição do mesmo em meados do século IV, como veremos a seguir⁶⁶.

Vamos entender através de mais evidências textuais por parte dos coptas, que no século IV (359 d.C.), a popularidade de *Bes* era tamanha que havia um oráculo para a deidade em Abidos. Quando a notícia deste local chegou até Constâncio II, este enviou um assassino conhecido como *Tartareus* que assassinou centenas de pessoas acusadas de cultuar *Bes*⁶⁷, ainda que as evidências coptas apontem que a tentativa de abolir o oráculo da deidade tenha falhado⁶⁸.

⁶⁴ Cf., PINCH 1994, p. 170-171.

⁶⁵ Cf., PINCH 1994, p. 171.

⁶⁶ Cf., FRANKFURTER 2018, p. 68.

⁶⁷ Cf., LINK 1998, p. 75.

⁶⁸ Cf., RITNER 1993, p. 218.

Vistos como demônios dentro da concepção copta, estes agora na Núbia do século V, vão organizar uma onda de destruição em templos, da mesma forma que as estátuas relacionadas ao panteão egípcio, o que podemos considerar que imagens de *Bes* tenham sido destruídas como parte de tais atos⁶⁹.

A deidade, inclusive, atravessou os séculos de forma surpreendente até chegar ao século XIX, onde uma lenda dos povos que habitavam a região próxima à Luxor, afirmavam que um anão feio e dançante assombrava as ruínas do templo⁷⁰.

CONCLUSÃO

Está claro que *Bes* tinha suas funções protetivas muito bem estabelecidas dentro da sociedade egípcia, graças às suas representações iconográficas, bem como, sua invocação através das práticas mágicas ligadas à deidade, sendo essas as danças protetivas (fig. 10) e os encantamentos com outros fins, que também podem ser estudadas em uma infinidade de outras pesquisas.

⁶⁹ Cf., LINK 1998, p. 63.

⁷⁰ Cf., PINCH 1994, p. 171.



Fig. 10: Estatueta de *Bes*; Localização: Museu Britânico; Número da Peça: EA20865; Material: Madeira; Datação: c. 1300 a.C.

Além disso, entendemos que *Bes* para os antigos egípcios carregava consigo propriedades mágicas, e mais, foi um importante elemento em se tratando da religião popular no antigo Egito. Imagens de *Bes* são frequentemente encontradas como dispositivos de proteção, ou, decoração em objetos e estruturas relacionadas a cuidados infantis, ao parto, ao sexo e até mesmo em mobílias relacionadas ao sono. Para lhe auxiliar como visto por nós, *Bes* carrega consigo facas mágicas, címbalos e até mesmo gládios e escudos (fig. 11).



Fig. 11: Estatueta de *Bes*; Localização: Museu Fitzwilliam; Número da Peça: E.207.1932; Material: Argila; Datação: c. 30-395 d.C.

Vimos também, que *Bes* foi extremamente popular, e, esteve presente entre todas as classes sociais egípcias. Link afirma que neste período, “muitos egípcios de classe média possuíam uma estátua de *Bes* em casa e davam esse nome aos filhos” (1998, p. 74), e, ainda que o imperador Constâncio II em 359 d.C., tivesse tentado abolir as práticas oraculares, segundo evidências coptas, este não teve sucesso em abolir um oráculo a *Bes* em Abidos⁷¹.

Estatuetas de *Bes* eram populares no Império Médio do Egito e até mesmo durante o período romano, e, ao longo de nossa pesquisa, nos deparamos também com jarros com cabeça de *Bes*, que também são atestados ao longo deste período. Finalmente, chegamos ao ápice de sua popularidade

⁷¹ Cf., RITNER 1993, p. 218.

no Império Novo em diante, onde as imagens de *Bes* foram levadas para outras culturas ao redor do Mediterrâneo e Oriente Próximo.

Aprendemos durante nossas pesquisas, e, apresentamos ainda que parcialmente neste artigo, um *Bes* que passou por mudanças em sua iconografia e, em suas responsabilidades dentro da cultura egípcia, se popularizando dentre todas as classes sociais, fossem estas públicas, pessoais, oficiais e religiosas, bem como, alcançando terras estrangeiras.

No entanto, o que torna *Bes* o elemento de destaque em um estudo que enfoca a interação cultural entre pessoas comuns, são suas características únicas que o distinguem do restante dos deuses egípcios, tanto em aparência quanto em função. Ao contrário da maioria dos deuses egípcios, fortemente associados à família real, *Bes* estava principalmente preocupado com o bem-estar das pessoas comuns⁷².

Concordando com Branko van Oppen de Ruiten, quando ele enaltece nossa pequena, mas, ao mesmo tempo, grande deidade, quando aponta que *Bes* era tão bom que, em toda sua malevolência contra espíritos mal-intencionados, ela ainda era benevolente⁷³.

⁷² Cf., ABID 1999, p. 113.

⁷³ Cf., DE RUITER 2020, p. 22.

REFERÊNCIAS

- ABDI, Kamyar. *Bes in Achaemenid Empire*. Em: *Ars Orientalis*, Vol. 29 (1999): 111+113-140. 1999.
- APOSTOLA, Electra. *Representations of the demon-god Bes in Rhodes and Samos during the 7th and 6th centuries BC and their influence on popular religious beliefs: Bes and the 'fat-bellied demons'*. Em: VAVOURANAKIS, Giorgios; KOPANIAS, Konstantinos & KANELLOPOULOS, Chrysanthos (Ed.) *Popular Religion and Ritual in prehistoric and ancient Greece and the eastern Mediterranean*. Oxford: Archaeopress Publishing Ltd. 2018.
- AUTIERO, Serena. *Terracotta Figurines from Egypt as Agents of Cultural Globalization in the Indian Ocean*. Em: MASSIMILIANO, Pinarello; YOO, Justin; LUNDOCK, Jason & WALSH, Carl (Ed.) *Current Research in Egyptology 2014*. Oxford: Oxbow Books. 2015.
- BARD, Kathryn A. *An Introduction to the Archaeology of Ancient Egypt: Second Edition*. West Sussex: Wiley Blackwell. 2015.
- BARD, Kathryn A. *Encyclopedia of the Archaeology of Ancient Egypt*. Londres: Routledge. 2005.
- Bíblia Sagrada Almeida Século 21*. 3ª Edição, 1ª Reimpressão. São Paulo, SP: Edições Vida Nova. 2017.
- BLACK, Jeremy; GREEN, Anthony. *Gods, Demons and Symbols of Ancient Mesopotamia*. Austin, TX: University of Texas Press. 2014.
- BOSE-GRIFFITHS, Kate. *A Beset Amulet from the Amarna Period*. Em: *The Journal of Egyptian Archaeology*, Vol. 63: 98-106. 1977.
- CORNELIUS, Izak. *From Bes to Baal: Religious Interconnections between Egypt and the East*. Em: CREASMAN, Pearce Paul & WILKINSON, Richard, H. (Ed.) *Pharaoh's Land and Beyond: Ancient Egypt and Its Neighbors*. Nova York, NY: Oxford University Press. 2017.
- COUNTS, Derek B.; TOUMAZOU, Michael K. *New Light on the Iconography of Bes in Archaic Cyprus*. Em: MATTUSCH, Carol C.; DONOHUE, A. A.; BRAUER, Amy (Ed.) *Proceedings of the XVIth International Congress of Classical Archaeology Boston, August 23–26, 2003*. Oxford: Oxbow Books. 2006.

- DE RUITER, Branko F. Van Oppen. *Lovely Ugly Bes! Animalistic Aspects in Ancient Egyptian Popular Religion*. Em: *Arts* 2020, 9, 51: 1-27. 2020.
- DE VARTAVAN, Christian Tutundjian. *Bes, the Bow-Legged Dwarf or the Ladies' Companion: a Revised Unpublished Study*. Em: *Bulletin of Parthian and Mixed Oriental Studies* 1 (2005): 79-93. 2005.
- EL-KILANY, Engy. *The Protective Role of Bes-image for Women and Children in Ancient Egypt*. In: *Journal of Association of Arab Universities for Tourism and Hospitality*, Vol. 14, Issue2, December. 2017.
- FRANKFURTER, David. *The Threat of Headless Beings: Constructing the Demonic in Christian Egypt*. Em: OSTLING, Michael (Ed.) *Fairies, Demons, and Nature Spirits: 'Small Gods' at the Margins of Christendom*. Londres: Palgrave Macmillan. 2018.
- GILL, James C. R. *A Corpus of Late Period and Ptolemaic Bes-Vessels from Mut El-Kharab, Western Desert Egypt*. Em: BADER, Bettina, KNOBLAUCH, Christian M. & KÖHLER, E. Christiana. *Vienna 2 - Ancient Egyptian Ceramics in the 21st Century*: 211-228. 2016.
- LINK, Luther. *O Diabo: A Máscara sem Rosto*. São Paulo, SP: Companhia das Letras. 1998.
- ORNAN, Tallay. *Sketches and Final Works of Art: The Drawings and Wall Paintings of Kuntillet Ajrud Revisited*. Em: *Journal of the Institute of Archaeology of Tel Aviv University, Tel Aviv* Vol. 43, 2016, n.1: 3-26. 2016.
- PINCH, Geraldine. *Magic in Ancient Egypt*. Londres: British Museum Press. 1994.
- RITNER, Robert Kriech. *The Mechanics of Ancient Egyptian Magical Practice*. Chicago, IL: The University of Chicago. 1993.
- STERNBERG, H. *Illnesses and other Crises: Egypt*. Em: JOHNSTON, Sarah Iles (Ed.) *Religions of the Ancient World: A Guide*. Cambridge, MA: Harvard University Press. 2004.
- SMITH, Stuart Tyson. *Artisans and Their Products: Interaction in Art and Architecture*. Em: CREASMAN, Pearce Paul e WILKINSON, Richard, H. (Ed.) *Pharaoh's Land and Beyond: Ancient Egypt and Its Neighbors*. Nova York, NY: Oxford University Press. 2017.

- TAYLOR, John. *The Third Intermediate Period*. Em: SHAW, Ian (Ed.) *The Oxford History of Ancient Egypt*. Nova York, NY: Oxford University Press. 2003.
- TEETER, Emily. *Religion and Ritual in Ancient Egypt*. Nova York, NY: Cambridge University Press. 2011.
- VAN DIJK, Jacobus. *The Amarna Period and Later New Kingdom*. Em: SHAW, Ian (Ed.) *The Oxford History of Ancient Egypt*. Nova York, NY: Oxford University Press. 2003.
- VERDERAME, Lorenzo. *Their Divinity is Different, their Nature is Distinct! Origin and Features of Demons in Akkadian Literature*. Em: *Archiv für Religionsgeschichte*, v. 14, nº 1, set. 2013: 117-127. 2013.
- WALLIS BUDGE, Ernest Alfred Thompson. *Egyptian Magic*. Londres: Arkana. 1988.
- WILKINSON, Richard H. *The Complete Gods and Goddesses of Ancient Egypt*. Londres: Thames & Hudson. 2003.